
MATIAS

Uma escada para dois destinos



Eduardo Emer Silva Lima

MATIAS
Uma escada para dois destinos

1ª edição

Edição do autor

Capa: Eduardo Emer

Editoração e Revisão: Eduardo Emer

Aos meus familiares e amigos, especialmente aos
que se aventuram nessa vida e nunca perdem a es-
perança de serem felizes.

ÍNDICE

Capítulo I

Belém na linha do espelho d'água

Novos caminhos	11
As incertezas	31
O renascimento	45
Um quase amor	54
Dois motivos: mãe e filho	61
Uma feira, dois destinos	68
O homem da feira	74
Novo século: novos desafios	83
Casa e vida novas	88
Nem só de esperanças vive um homem	93

Capítulo II

O mesmo rio e a mesma escada

A ponta da linha	103
Nem de longe seria gripe	111
A dúvida	123
Belém – Santarém – Belém	125
A novidade	131
O pai e o menino do tapajós	139
Do menino e das ruas	144
O encontro das águas	148
Matias: um rio que queria ser mar	151

Capítulo III

Da esperança, perda e perdão

07/12/2003	159
A rotina e pouca esperança	164
Um adeus e um reencontro	172

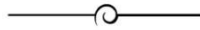
Capítulo IV

O amor está na polpa e não na casca

Quebrando o ouriço	177
A realidade de um sonho	181
O pesadelo de uma realidade	189
Depois da chuva	196
Ainda restava uma dúvida	199

Agradecimentos

Capítulo I



Belém

NA LINHA DO ESPELHO
D'ÁGUA



NOVOS CAMINHOS

O navio com dezenas de viajantes atracou no cais do porto e Matias desembarcou em Belém, e com ele muitos ribeirinhos vindos de muitas cidades às margens de rios, igarapés e furos de rios aos arredores da capital ou de cidades distantes, o que sempre foi rotina naquele lugar. Eram pessoas que iam a Belém todos os dias ou pela primeira vez. Chegavam em grandes navios quando as viagens eram mais longas ou mesmo nos clássicos pô-pô-pôs que fazem da baía do Guajará uma aquarela de cores e são pavões sem asas que deslizam pelas águas. Em meio a toda aquela gente que carregava bolsas, malas, paneiros com açai ou bichos como galinha, pato, entre outros animais, subia a escadinha do cais do porto, Matias ainda um adolescente de dezessete anos, com corpo de adulto e voz que oscilava entre o grave e uns resquícios do agudo da adolescência, com os olhos arregalados, deslumbrados com o movimento frenético de pessoas em direção ao centro da cidade. Estava encantado com os edifícios e assustado com o trânsito de automóveis pela Avenida Boulevard Castilhos França.

Meio sem saber para onde ir, ele parecia seguir irracionalmente grupos de pessoas independentemente para onde fossem porque se sentia mais seguro ao fazer o mesmo trajeto que a maioria daquelas pessoas fazia naquela manhã de outubro. Estava meio desorientado e cansado da viagem que

fez de Santarém a Belém, que durou três dias em meio às águas do Amazonas. Um rio, uma imensidão, um mar no meio da floresta. Ele veio em uma embarcação entrecortada por inúmeras redes em seu interior como se fossem arco-íris de ponta-cabeça. Depois de algum tempo, tendo atravessado a Praça dos Estivadores, subido a Avenida Presidente Getúlio Vargas, ele tomou consciência de que deveria procurar pelos parentes de seu pai que moravam na cidade havia muitos anos. O deslumbre era tanto que ele não conseguia ser certo no pensamento quanto ao que deveria fazer e estava sempre com a cabeça inclinada para o alto admirando as belezas dos edifícios e as majestosas mangueiras daquela avenida. Tudo lhe era encantador demais para passar despercebido. O barulho dos automóveis embora fosse incômodo, indicava para ele que o movimento da cidade era diferente ao que estava acostumado em Santarém. Ele não pensava, apenas se deixava seduzir pelos gemidos brutais das máquinas.

Antes de tomar um ônibus para ir de encontro aos seus, ele permaneceu por umas duas horas vagando pela Praça da República que fica na mesma avenida. Lá, o jovem esteve e relaxou em um dos bancos daquele lugar enquanto observava as novidades que a cidade grande lhe trazia aos olhos. Sentia-se confuso com o barulho dos automóveis que circulavam nos arredores da praça. Tudo parecia fantástico e aos poucos ia fazendo sentido. Ele recordava-se, aos poucos, da razão primeira de estar naquela cidade da qual só ouviu falar ou conhecia através de imagens da TV e fotos antigas que seus avós paternos guardavam. Agora, Matias era só mais um no meio de uma cidade que já agregava milhões de pessoas e, na mesma proporção, era indiferente às causas de cada um. Quando da viagem, ele a imaginava, mas nem de longe conseguiu vislumbrar a insensibilidade que uma metrópole guardava para quem chega e, somente aos poucos, ela fazia questão de se revelar faceira e acolhedora, com uma simpatia ambulante no olhar caboclo de cada habitante seu.

Quando Matias chegou a Belém era outubro de 1991, a cidade estava em festa, o que se podia notar não só na quantidade de pessoas que chegavam ali, assim como ele, percebia-se no ar, nos cheiros, nas sensações, nos perfumes que impregnavam na pele e até mesmo na luz que escapava por entre as folhas das mangueiras. Matias teve seus sentidos aguçados, revirados, enfeitados pelo místico que se propagava em cada canto da cidade. O círio de Nazaré estava iniciando-se e, nesse período, a capital estava ocupada por milhares de pessoas que se deslocaram de todas as partes do estado para participar dessa festa. Para ele, isso era novidade porque nunca tinha visto tantas pessoas circulando ao seu redor, saindo das mais diferentes ruas do centro de Belém. Ele olhava para essas pessoas com certo estranhamento e, ao mesmo tempo, tentava encontrar nelas algum olhar de simpatia, um sorriso mais aberto na tentativa de se sentir mais acolhido e menos estranho naquele banco de praça. A única coisa que encontrou naquelas pessoas que passavam sob o imenso corredor de mangueiras que cercam o local, foi a pressa, a correria de sempre querer chegar a algum lugar. Deparou-se com pessoas sempre atrasadas, de olhares fixos e retilíneos em direção a um alvo que não estava ali diante de seus olhos, estava noutra esquina, na próxima avenida, em algum prédio moderno ou casa antiga da cidade velha: seus compromissos. Quase nunca aquelas pessoas estavam apenas em um passeio naquele fim de manhã de sexta-feira. No pátio que é a cidade, onde se cabe de tudo, Matias era apenas um caroço de açaí parol em meio a milhares de outros caroços de um roxo acinzentado. Embora, ele fosse tão comum e parecido com todo mundo no olhar, no andar e mesmo no que sentia, ele ainda tentava encontrar-se porque havia certa urgência de não ser sozinho em meio a uma multidão vista aos olhos de qualquer um, que o ignorava, naturalmente o ocultava em plena luz do dia.

O adolescente precisava urgentemente despertar de todo o deslumbre e sensação de estranheza que sentia senta-

do naquele banco de madeira apodrecida pela ação das chuvas recorrentes e do sol, pois a tarde aproximava-se, e como de praxe, Belém todos os dias recebe uma visita com hora marcada, sendo anunciada pelas nuvens escuras que parecem despencar do céu. Ele deveria apressar o passo porque a chuva era certa, já passava das duas da tarde e ainda permanecia imerso nas lembranças de Santarém, nas coisas e pessoas que havia deixado para trás como seu pai — as brigas e discussões constantes —, seus avós paternos e os amigos de infância. A chuva não tardaria. Assim como ela lavaria as pedras da calçada da praça e escorreria pelos troncos das velhas mangueiras, o acordaria inevitavelmente daquela anestesia que misturava saudade dos familiares e certos remorsos pelos erros cometidos. Ele olhou por entre as árvores e viu apenas alguns pedaços de céu cinza-escuro. *Melhor eu sair daqui porque vai cair um toró já, já.* Isso foi o que pensou Matias antes que a chuva pegasse-o de surpresa. A partir daquele momento, ele aprendeu que as tardes de Belém não eram iguais às de Santarém, e que tardes na cidade, só seriam tardes completas se tivessem chuvas para aliviar o calor e aumentar a saudade de qualquer famigerado que lhe fosse igual.

Depois de ter relaxado no banco da praça, Matias pegou sua pequena bolsa verde-musgo, a pôs sobre as costas e seguiu em direção a uma multidão que se apinhava desde lá do cais, na escadinha, subindo até o final da praça. Eram pessoas que dançavam ao som de muitos batuques, de maracas e de violas caboclas, e traziam sobre suas cabeças chapéus de palha com muitos adereços como fitas coloridas e grandes flores para completar o adorno. “Lá, vem meu boi lá, vem, pelas ruas de Belém...”, era o que se ouvia naquele mundaréu de alegria que contagiava o centro da cidade que, afinal, estava em festa com muitos bois-bumbás subindo a Getúlio Vargas.

Enquanto as alegorias e bois passavam, as pessoas balançavam-se na levada das violas, Matias tentava chegar ao

outro lado da avenida. Ele ficou meio afoito e aturdido com o barulho das cantorias que os brincantes faziam enquanto seguiam em direção a outras ruas da cidade. Enfiou-se no meio da multidão e, mesmo sem querer, balançou-se na levada dos bois enquanto tentava esquivar-se dos brincantes, levantando ora o ombro direito, ora o esquerdo. Ele parecia realmente se sacudir. Finalmente, conseguiu atravessar a multidão que o arrastava ao embalo das cantigas. Sem maiores complicações, parecia aliviado por ter vencido o movimento sacolejante daquelas pessoas, sem ser levado por elas como as folhas das centenárias mangueiras que seriam levadas pelo vento e chuva que não demoraria a cair sobre a cidade que estava alegre como criança, prestes a brincar debaixo do toró que se arrumava.

Matias pôs a mão direita em um dos bolsos da bermuda jeans que vestia naquele momento e retirou qualquer coisa de lá parecida com um pedaço de papel meio amassado, amarelado, que continha alguns escritos, descrevendo de forma meio vaga o endereço de Afonso, seu tio, na cidade das mangueiras. Afonso Peixoto era investigador da polícia civil e conhecido como Peixotinho entre os colegas de trabalho. Ele estava prestes a se aposentar quando seu sobrinho chegou à cidade. Enquanto tentava ler o que estava no papel, o jovem Matias ouvia internamente a voz de seu pai pedindo que anotasse o endereço: “Pega uma caneta e escreve o endereço do teu tio num papel, guarda isso na tua carteira e não vai perder”. Ele continuava tentando decifrar a própria letra quando os ônibus começavam a subir a avenida, o que antes não era possível porque somente os bois e seus brincantes podiam passar por ali, e agora, cada vez mais, ficavam distantes, levando o som e a algazarra que faziam naquele trecho do centro de Belém para outra parte da cidade. Além disso, a chuva começou a cair, e sem saber ao certo o que havia anotado no papel, o garoto conseguiu compreender que se tratava da RUA DOS PARIQUIS, 74, CREMAÇÃO.

Depois de levar alguns bons minutos para decifrar o endereço do tio, pois leitura nunca foi o seu forte, ainda assim, ele não sabia ao certo qual condução pegar para chegar aquele bairro, tão pouco aquele número. Ele sabia ler, mas tinha preguiça e dificuldades para isso, embora a falta de coragem e interesse fossem mil vezes maiores. 328 – CIPRIANO SANTOS – PRESIDENTE VARGAS, era o que estava escrito no painel indicador de um dos ônibus que se aproximava da parada, e para se certificar de que era a condução certa, Matias pediu informação a duas pessoas que também estavam ali. “Olha... Tu pegas esse aqui que eu vou agora, que ele vai te deixar na Pariquis. Esse vai pra lá”, disse-lhe uma das pessoas enquanto deslocava-se em direção ao veículo que parou lateralmente a eles que se empurravam para não ficar do lado de fora quando a condução começasse a se movimentar. Matias ainda não tinha nenhuma prática com aquilo e foi levado, exprimido, para dentro do ônibus que acelerou mesmo com meia dúzia de pessoas tentando subir para seu interior. Já dentro da condução, o que não era costume na cidade de onde vinha, o jovem santareno mantinha-se sempre atento aos edifícios e às pessoas que passavam nas calçadas, enquanto, na hora marcada, a chuva da tarde caía fazendo do ônibus uma panela que cozinha a vapor. Quando o toró ficou mais forte e as janelas do veículo foram fechadas, o calor infernal tomou conta de quem estava ali dentro. Pessoas abanavam-se com o que tinham em mãos ou puxavam as golas e colarinhos de suas blusas para amenizar a quentura. Matias não fez diferente. O seu suor escorria da nuca, seguindo em linha reta pelas costas em direção ao rego mais baixo, umedecendo o cós de sua bermuda. Era uma sensação horrível de calor, embora, lá fora, estivesse bem fresco e ventilado. O adolescente abriu uma fresta na janela do coletivo para sentir um pouco da brisa, de vento e chuva ao menos em seu rosto, o que trouxe certo alívio seguido de um suspiro bem fundo. Quando sentiu os respingos da chuva em seu rosto, o vento que aliviava o calor que o inquietava, o jovem,

embora sentado como estava, mergulhou profundamente nas lembranças mais antigas de sua meninice. Ele teve um lampejo de saudade e nostalgia dos momentos em que brincava no trapiche de madeira sobre o imenso Tapajós...

Era uma dezena de moleques. Matias fazia parte daquele bando de meninos que passavam horas fora de casa. O trapiche na Avenida Tapajós era o ponto de encontro dos traquinicos. Antes mesmo que chegassem àquele lugar, a presença de cada um já era percebida porque os gritos e algazarra eram o cartão de visita daquela patota. Quando colocavam os pés sobre o tabuado, já tiravam as camisas. Uns, faziam um xis com os braços, alcançando a barra de suas blusas e puxando-as para cima; outros preferiam puxá-las com as duas mãos pela gola, passando lateralmente aos ouvidos e, por fim, baixando os braços. Isso, quando usavam blusas. “O último a cair na água é a mulher do padre; vai comer cocô; vai pro inferno...”, coisas desse tipo eram ditas por todos eles, desafiando aos mais fracos e mais lentos para, em uma corrida de poucos metros, ganhando velocidade, impulsionando-se diante o parapeito do trapiche, apoiando as mãos sobre o parapeito, ficando de ponta-cabeça e, finalmente, em um estouro, romper o espelho d’água. Matias sempre foi um dos primeiros a mergulhar, pois não gostava de ser desafiado. Quando todos estavam na água, ao embalo das marolas do grande rio, brincavam de pira-pega por horas, da primeira hora da tarde até a primeira hora da noite, geralmente. Quando não havia mais energia para nadar ou esconder-se entre e sobre as estacas de madeira na parte inferior do trapiche, subiam a escada que os levava para o tabuado. Por azar, alguns cachorros dormiam sobre aquele lugar e não conseguiam escapar das traquinagens daqueles moleques que os cercavam, pegavam pelas suas patas e atiravam-nos rio a baixo. Os vira-latas, uns até gostavam do banho; enquanto outros subiam a escada e sacudiam-se, retiravam o excesso de água e fugiam dali. Esgueiravam-se no parapeito até chegarem à avenida. Enquanto alguns garotos atiravam os cachorros na água, Matias gargalhava, afirmando que o próximo canino a ser jogado, seria por sua conta, que ninguém interferisse porque

essa missão ele faria sozinho. Em dois ou três minutos, ele disparou em direção a um dos cachorros que permaneceram sobre o tabuado. Deslizou algumas vezes naquele piso que estava molhado e polido pelo sol. Finalmente, após machucar-se com farpas de madeira nas mãos e pés, ele atirou-se sobre o cachorro que, para defender-se, mordeu-o na altura do pulso esquerdo, ainda assim, Matias continuou segurando-o e o arremessou dentro do Tapajós. Aos poucos, os demais do grupo entediam porque Matias deveria ser respeitado e temido sobre aquele trapiche. A dor da mordida era fina e crescente...

Fazia poucas horas que Matias estava na cidade e já sentia que a sua vida teria um novo começo e aos poucos poderia fazer as pazes com muitas situações vividas no passado, trazidas consigo em sua bagagem mental que não era das menores, mas a maior de todas, e a carregaria por onde quer que fosse. Para ele não existia a certeza, apenas o momento, a chuva, o mormaço, a viagem de coletivo até a casa do tio e nada mais. De repente, em um sobressalto, ainda se lembrando da mordida de um certo cachorro, de seus dentes perfurando e rasgando sua pele, ele emergiu das profundezas de seus pensamentos, lavado de suor. De súbito, ele perguntou ao cobrador do ônibus onde ficava a Rua dos Pariquis, e foi informado por aquele homem que balbuciou rapidamente qualquer coisa, indicando com os lábios que ele já estava bem próximo ao destino ao qual pretendia ir. Sem muita precisão sobre o lugar onde deveria descer, Matias puxou o fio sinalizador do ônibus que brecou logo em seguida com um freio brusco que o lançou sobre alguns metais de proteção dentro do próprio veículo, fato esse que se tornaria quase que diário em sua vida na cidade nas muitas vezes que precisasse descer de um coletivo. Saltou meio atordoado, às pressas, e seguiu para a casa do tio que ficava distante apenas dois quarteirões de onde o veículo o deixou. *Espero que ele esteja em casa, se não, tô frito*, pensou Matias enquanto caminhava em direção a casa de Afonso. Seria quase improvável que ele

ficasse na rua à espera deles, pois, caseiros como eram, dificilmente não estariam em casa dando dengos ao gato de estimação gorducho e ceroso que era como se fosse um filho para eles.

Para sorte do recém-chegado à cidade, seus tios estavam em casa. Afonso, um homem com mais de cinquenta anos, com um nariz largo e achatado, que tinha um penteado em que usava os cabelos brancos, lisos, simetricamente repartidos, foi quem o recebeu ao portão após o garoto ter batido palmas umas cinco vezes. A casa não era uma das melhores naquela rua, no entanto, era bem cuidada, pintada de amarelo com um mosaico feito de pedaços de azulejos brancos e azul-marinho na parte superior externa, formando um grande losango que chamava a atenção de quem passasse por ali. O tio não estranhou a presença do sobrinho diante ao portão, pois já o esperava, uma vez que o pai do garoto, o capitão Augusto Peixoto, já havia avisado sobre o adolescente que estava a caminho para passar uma “temporada” na cidade e conhecer melhor os parentes distantes. Um sorriso no rosto era o mínimo que Afonso poderia dá ao sobrinho naquele momento enquanto abria os inúmeros cadeados que garantiam o fechamento do portão e a segurança da casa porque o bairro era perigoso. O próprio dono da casa presenciou muitas cenas de assaltos e assassinatos naquela mesma rua, às vezes, não muito distante da porta de sua pequena casa. Matias correspondeu ao sorriso do tio com um riso meio tímido, com um olhar vergonhoso levemente apontando para baixo e um pouco temeroso, uma vez que só conhecia-o através de fotos que seus avós paternos guardavam em um velho álbum de família, lá em Santarém. Enquanto retirava os cadeados do portão, Afonso tartamudeava algumas palavras para descontrair aquele momento de espera. Ele dizia palavras soltas, “É, rapaz... Aqui, tem que ter cuidado... Já viu né! Não se pode...”. Finalmente, o último cadeado. *Pra quê tanto cadeado assim? Parece uma prisão*, pensou Matias que já estava ali em pé havia alguns minutos.

O jovem santareno teve a impressão de nunca ter estado naquele lugar, entretanto, enganou-se porque foi um dos poucos lugares em que esteve quando recém-nascido, mesmo por pouco tempo. Havia dezessete anos que o tio não o via nem ao menos por fotografia. Restava no jovem uma fâisca de lembrança, contudo, completa de sentido. Poderia não ter explicação ou sentido algum, ele, no entanto, ao pôr os pés no batente do portão, ao contrário da impressão que teve antes de adentrar aquele lugar, sentiu-se como se tivesse morado por muito tempo na companhia de seus tios.

À porta de entrada da casa estava uma soleira recoberta por lajotas brancas, era uma espécie de batente que impedia que a água entrasse quando das chuvas fortes naquela região da cidade. O jovem pôs os pés na casa e logo foi estendendo a mão direita ao tio, pedindo-lhe a benção como era de costume no interior e lhe foi ensinado pela avó Irene, mãe de seu pai. Não seria diferente com Afonso, o que significou um sinal de respeito entre dois homens que mal se conheciam, ainda assim, por tradição e consideração familiar, decidiram mutuamente por tal tratamento. O tio foi abençoando e trazendo-o para longe do portão para que o processo com os cadeados fosse recomeçado, dessa vez, ao contrário. Matias voltou-se para o tio que se dirigiu ao portão com um punhado de chave. Ele olhou para o quase aposentado investigador, respirou fundo, soltou o ar dos pulmões e relaxou os ombros como quem sinalizava positivamente e esperaria com paciência o tio terminar de colocar todos os cadeados de volta. Eram uns sete cadeados, quase todos velhos e enferrujados. A paciência de Afonso era imensa, a do sobrinho ainda estava em construção. A rotina dos cadeados nunca foi um problema para o policial que já estava acostumado com aquela prática. A verdade era que a paciência do tio de Matias sempre foi imensa e, a cada dia, contrariando o tempo, ficava muito maior. Tirar e colocar cadeados eram tarefas que ele cumpria e pouco reclamava apesar de ter algumas dores nas